

de tradução de Shakespeare, que o grande poeta Sr. François Hugo lhe tinha dedicado:

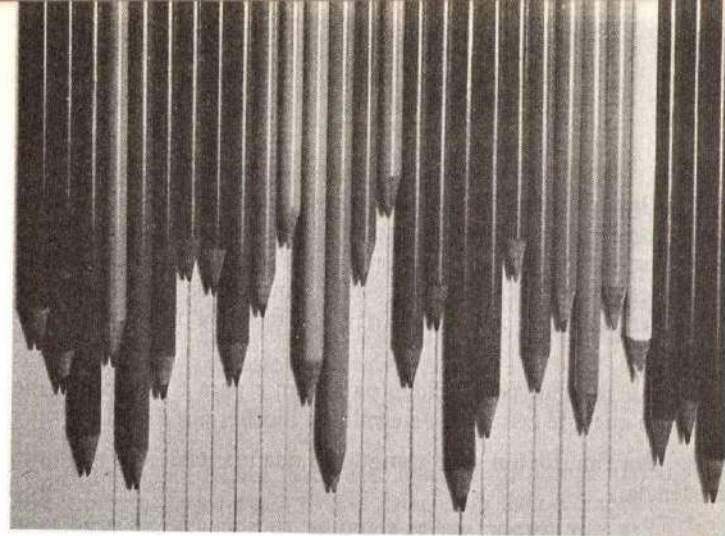
“As palavras do poeta correram sobre esta assembléia como um sopro sonoro. Fizeram os Espíritos estremecer; evocaram minh'alma, que ainda flutua incerta no éter infinito!

“Ó poeta, revelador da vida, bem conheces a morte, pois não coroas com ciprestes aqueles que tu choras, mas ligas às suas frentes as trêmulas violetas da esperança! Passei, rápida e ligeira, apenas aflorando as enternecidas alegrias da vida; ao declinar do dia, fui roubada sobre o trêmulo raio que morria no seio das ondas.

“Ó minha mãe, minha irmã, minhas amigas, grande poeta! não choreis mais; ficai atentos! O murmúrio que acaricia os vossos ouvidos é meu; o perfume da flor inclinada é meu hálito. Misturo-me à grande vida para melhor penetrar o vosso amor. Somos eternos; o que não teve começo não pode acabar, e o teu gênio, ó poeta, semelhante ao rio que corre para o mar, encherá a Eternidade com o poder que é força e amor!

Emily” (1)

(1) Allan Kardec, *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, Oitavo Ano – 1865, Trad. de Júlio Abreu Filho, EDICEL, São Paulo, 1966, pp. 61-62.



25

PENSAMENTOS DE PAZ E BÊNÇÃO

Querida Mãezinha Marli e meu querido Papai Antônio.

É com muita gratidão a Deus que lhes venho dizer que prosigo sempre a mesma, inacessível à morte que se me pretendia impor.

Lembro-me de tudo.

O sábado amanhecera alegre.

Um descanso e um passeio.

Achava-me sem qualquer idéia reprovável junto a pessoas amigas, na Exposição, quando descobri o Vinícius a me fitar, com a expressão de doente. . .

Mamãe Marli, se lhes posso pedir alguma coisa além da vida e da felicidade que me proporcionaram, desculpem o nosso amigo e esqueçam o acontecido. . .

Ele não sabia o que estava fazendo.

Notei, sem a menor possibilidade de imobilizar-lhe as mãos, que ele apertava o gatilho. . .

O projétil me alcançou à maneira do raio que, na tempestade, ao que suponho, desce sobre uma pessoa claramente des preocupada quanto à agressão da morte.

Ouvi os gritos de muitos amigos, as exclamações de lástima que se pronunciavam, entretanto, a minha voz se apagava, gestos não conseguia ensaiar nem de leve e, por dentro de mim, com as lembranças da família querida, estava simplesmente a oração que não sabia articular, mas que partia de mim na forma de sentimentos.

Ali mesmo, pedi perdão para mim e para o amigo que me alvejara e que a fé cristã me determinava receber por irmão.

Por fim, foi um sono tranqüilo a que me rendi sem qualquer resistência.

Era um torpor suave, como se eu sonhasse vê-la ao meu lado, a beijar-me os cabelos.

Sentia a presença das afeições queridas, entretanto, em minha imaginação, tudo adquirira a moldura de repouso, em que me reconhecia leve, lamentando comigo a idéia de que teria de acordar como de costume.

No entanto, não despertei, segundo o hábito de todos os dias.

Do sonho, passei a uma inconsciência pesada de que me desvencilhei somente mais tarde, ignorando quanto tempo me custara aquele abandono de mim própria.

A lembrança de que fora marcada por um acontecimento que me buscava a memória, pairou dentro de mim, em forma de semiperturbação, até que fixei a reminiscência. . .

A hora de companheirismo, o coração tranqüilo de moça a gritar esperança para a vida, e depois o tiro que me ecoou em todas as fibras da alma.

Desconhecendo se estaria morta ou viva, pedi socorro a Deus, consciente agora de que me achava refugiada num quarto confortável e claro, como que à espera de enfermeiros e médicos que não apareciam. . .

Pedi a presença de alguém, usando a voz alta, surpreendida com a possibilidade de falar livremente, e quem surgiu foi uma senhora que me lembrava o seu carinho.

Afagou-me a cabeça e recomendou-me descanso. . .

Perguntei por minha situação, ao mesmo tempo que lhe agradecia, quando a recém-chegada me solicitou a chamasse por vovô Camilla, e longe de me dizer que não conseguiria mais voltar à nossa casa, com o corpo que ainda supunha comigo, me abraçou de tal modo que os pensamentos dela me envolveram de todo, e bastou isso para que eu viesse a entender tudo. . .

Sim, eu não voltaria mais ao nosso recanto, e Deus me concedia ali uma segunda mãe.

Chorei quanto quis, porque a generosa protetora não me impedia a evasão daquele pranto que parecia me lavar o coração. . .

Somente depois, veio o nosso diálogo. . .

E a senhora, querida Mamãe, pode imaginar tudo o que se conversou para que me acalmasse. . .

Confesso-lhe que ainda me encontro numa convalescença difícil, mas já consegui chegar até este balcão de fraternidade do qual, em companhia de minha avó, posso endereçar à família a minha solicitação de desculpas para o companheiro que se encontrava em tanta dificuldade consigo próprio.

Mãe querida, não acredito que ninguém possa abater os seus semelhantes, quando no estado normal de emoções e pensamentos.

Que a Misericórdia de Deus envolva aquelas mãos fraternas, tanto quanto se compadeça de mim.

Em verdade, nada fiz, ao que suponho, para receber aquela carga de morte.

Achava-me em paz comigo própria, no entanto, quem sabe, trago de outras paragens algum erro para com ele que se uniu a mim, pela dor, tanto quanto julgava permanecer comigo pelo amor?

Para ele, Mamãe, os nossos pensamentos de Paz e bênção.

E que Deus nos proteja a todos.

Peço dizer à Luciene, à Sirlene e à Marise que não as es-

queço e que, em minha vida nova, rogo a Jesus conservar as irmãs queridas livres de qualquer sombra ou de qualquer passo infeliz.

Estou melhorando. . .

O meu problema é recente demais para que me veja absolutamente desligada de qualquer impressão do acontecimento, mas a transformação está sendo feita e já consigo dizer-lhes, ao seu coração, a meu Pai e a todos os nossos, que estou quase bem e que do ponto de vista espiritual, sinto-me perfeitamente integrada em minha paz de consciência.

Agora, é o momento de encerrar esta carta.

Vejo aqui pessoas amigas, às quais agradeço as preces com que me socorreram.

Jesus recompense a todos.

Peço à senhora e a meu Pai me abençoarem, como sempre, com o íntimo desanuviado e sem qualquer ressentimento.

Estamos bem por dentro de nós mesmos e isso é uma felicidade, que não se compara com qualquer espécie de alegria exterior.

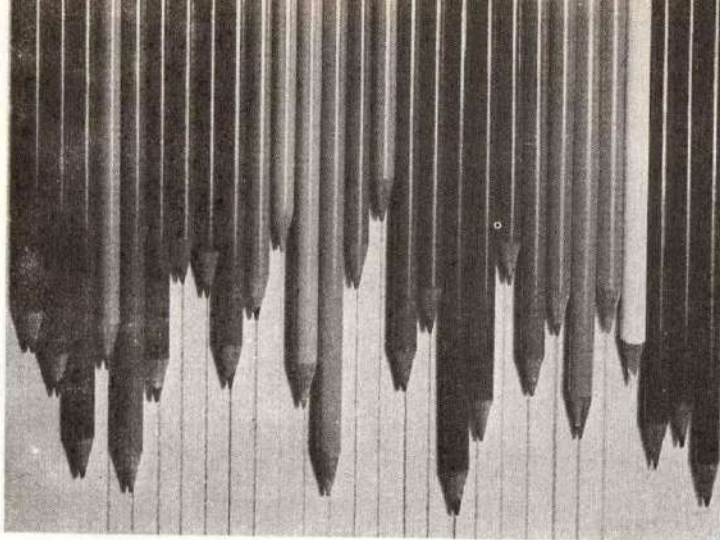
Mãezinha Marli, lembre-me nos seus braços e beije a sua filha saudosa, sempre a filha que não a esquecerá,

Marilene

Marilene Rezende Ferreira



Marilene Resende Ferreira



26 “DESCULPEM O NOSSO AMIGO E ESQUEÇAM
O ACONTECIDO”

De nossa entrevista com a Sra. Marly de Resende Ferreira, em Uberaba, a 6 de outubro de 1980, graças à gentileza do casal Sr. Urbano T. Vieira - D. Ondina, e à carta que nos enviou, no dia seguinte, com farto material iconográfico, respigamos apenas os seguintes dados:

1 — Marilene Resende Ferreira nasceu em Araguari, Estado de Minas Gerais, a 16 de agosto de 1957, aí desencarnando a 23 de agosto de 1980, às 23 horas, no Parque de Exposição Rondon Pacheco, em consequência de traumatismo crânio-encefálico por projétil de arma de fogo.

Filha do Sr. Antônio Alves Ferreira e de D. Marly de Resende Ferreira, Marilene esteve casada por quatro anos, tendo deixado um filho — Rogério Ferreira Marques —, atualmente com seis anos de idade, vivendo em companhia de seus avós maternos.

Em janeiro de 1980, submeteu-se a uma série de intervenções cirúrgicas, inclusive nefrectomia total (rim direito).

Ultimamente, lia vários livros espíritas, tendo apreciado

bastante o *Irmã Vera Cruz* (1), cuja primeira edição saíra do prelo, dias antes de sua desencarnação.

*

2 — “Achava-me sem qualquer idéia reprovável junto a pessoas amigas, na Exposição, quando descobri o Vinícius a me fitar, com a expressão de doente. . .” — Trata-se de José Vinícius Pereira, que a alvejou com um tiro de revólver, seu ex-namorado, preso em flagrante, a quem o Espírito de Marilene pede perdão.

*

3 — *Vovó Camilla*: Trata-se de sua trisavó materna, cujo nome completo D. Marly não conseguiu apurar, sabendo-se apenas que ela desencarnou em Abadia dos Dourados, Estado de Minas Gerais, há cerca de sessenta anos.

*

4 — “Em verdade, nada fiz ao que suponho, para receber aquela carga de morte. / Achava-me em paz comigo própria, no entanto, quem sabe, trago de outras paragens algum erro para com ele que se uniu a mim, pela dor, tanto quanto julgava permanecer comigo pelo amor?” — A propósito deste expressivo passo de Marina, mulher desquitada quando no mundo, vale a pena transcrever a parte final do último capítulo do “Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médium Bretão”, de Eug. Bonemère, que Allan Kardec mandou traduzir para a *Revista Espírita* (2):

“Diz-se freqüentemente de pessoas que se casam mas não se amam:

(1) Francisco Cândido Xavier, Elias Barbosa e Vera Cruz (Espírito), *Irmã Vera Cruz*, IDE, Araras (SP), 2a. edição, outubro/80.

(2) Allan Kardec, *Revista Espírita — Jornal de Estudos Psicológicos*, Décimo Segundo Ano — 1869, Editora Cultural Espírita Ltda. — EDICEL — São Paulo (1967), pp. 209-210.

— *Eles se amarão mais tarde!*

Isso é bem pouco provável, e até pelo contrário, porque a atração é livre e não se deixa violentar. Há, sem dúvida, pessoas de natureza pouco fluídica, para as quais a estima pode suprimir a falta de amor; mas as naturezas grandes e generosas não saberiam contentar-se com esses sentimentos mornos. A indiferença toma então o lugar do amor que falta, e é raro que, apesar de todos os mais belos raciocínios que façam, um ou outro desses esposos mal sucedidos não se encantar por outra pessoa. Talvez tenha a força de resistir a esse arrastamento, mas será incuravelmente infeliz.

Fechemos pois os ouvidos a essas falsas opiniões, e que as famílias não façam jamais do casamento um negócio, uma questão de troca. Deus quis que o amor presidisse à perpetuidade da Criação; respeitemos os seus desígnios e não violentemos os fluidos. O homem e a mulher estão sujeitos à atração, essa é a lei natural, e quando se tenta resisti-la, paga-se a desobediência com a infelicidade de toda a existência.”

*

5 — “Peço dizer à Luciene, à Sirlene e à Marise que não as esqueço e que, em minha vida nova, rogo a Jesus conservar as irmãs queridas livres de qualquer sombra ou de qualquer passo infeliz.” — Trata-se de: a) *Sra. Luciene Ferreira Cury*, casada com o Sr. Carlos Cury, residentes em Uberlândia, Minas Gerais;

b) *Srta. Sirlene Resende Ferreira*, residente em Brasília, Distrito Federal;

c) *Sra. Marise Ferreira Aguiar*, casada com o Sr. Sérgio Marra Aguiar, residentes em Uberlândia.

* * *

Concluindo, leitor amigo, edificuemo-nos com esta mensagem do Espírito de Delphine de Girardin, através do médium Sr. Bertrand, na Sessão Anual Comemorativa dos Mortos — Socie-

dade Espírita de Paris, 1.º de Novembro de 1968 —, incluída por Allan Kardec, na *Revista Espírita* (3).

“O dever da mulher é trazer ao homem todas as consolações e os encorajamentos necessários à sua vida de vicissitudes e penosos trabalhos. A mulher deve ser o sustentáculo, seu guia, o facho que ilumina o seu caminho e deve impedi-lo de falir; se ela faltar à sua missão, será punida; mas se, mau grado o seu devotamento o homem repele os impulsos de seu coração, ela é duplamente recompensada por haver persistido no cumprimento de seus deveres.”

(3) Allan Kardec, *Revista Espírita — Jornal de Estudos Psicológicos*, Décimo Primeiro Ano — 1868, EDICEL, São Paulo, 1966, p. 365.